

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 18 | Número 1 | Janeiro – Junho 2024
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

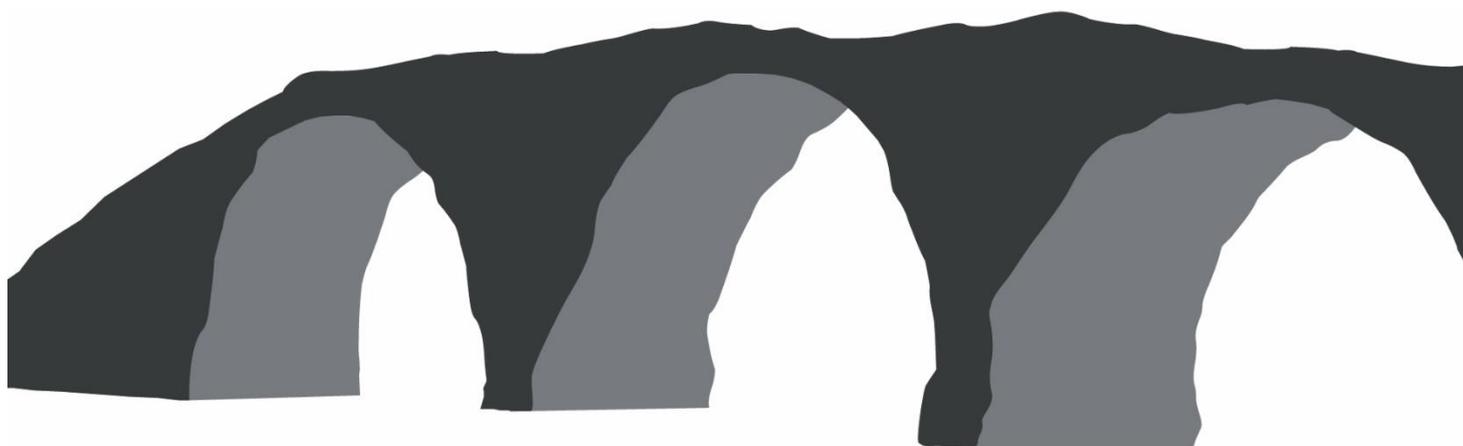
**NADA ALÉM DE CONTAS: OS BENS PESSOAIS DOS PRETOS NOVOS DO
CEMITÉRIO DO VALONGO**

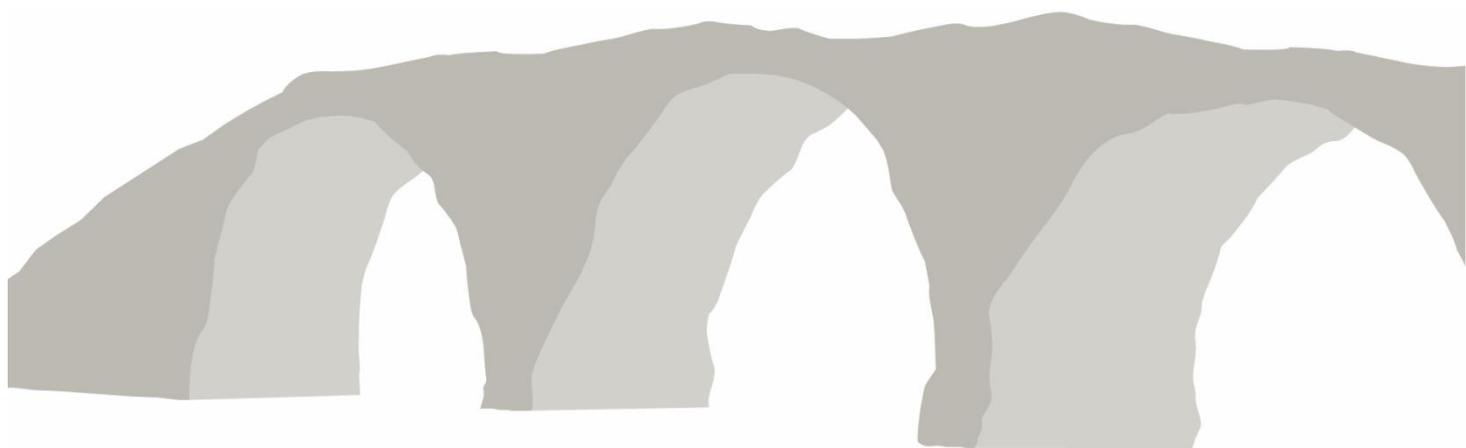
**NADA MÁS QUE CUENTAS: LOS BIENES PERSONALES DE LOS PRETOS
NOVOS DEL CEMENTERIO DE VALONGO**

**NOTHING MORE THAN BEADS: THE PERSONAL BELONGINGS OF PRETOS
NOVOS FROM THE VALONGO CEMETERY**

João Gustavo Alves Cha Cha

Andrea Lessa





Submetido em 08/06/2023.

Revisado em: 21/09/2023.

Aceito em: 28/09/2023.

Publicado em 29/01/2024.

NADA ALÉM DE CONTAS: OS BENS PESSOAIS DOS PRETOS NOVOS DO CEMITÉRIO DO VALONGO

NADA MÁS QUE CUENTAS: LOS BIENES PERSONALES DE LOS PRETOS NOVOS DEL CEMENTERIO DE VALONGO

NOTHING MORE THAN BEADS: THE PERSONAL BELONGINGS OF PRETOS NOVOS FROM THE VALONGO CEMETERY

João Gustavo Alves Cha Cha¹

Andrea Lessa²

RESUMO

As contas de vidro foram os únicos bens pessoais encontrados junto aos remanescentes dos africanos enterrados no Cemitério dos Pretos Novos, Rio de Janeiro, o que as caracteriza como importantes indicadores étnicos e sociais. Através da análise quantitativa e qualitativa de 223 artefatos, buscou-se estabelecer um padrão para as contas utilizadas pelos cativos recém-chegados, bem como compará-lo com a tipologia anteriormente definida para as contas utilizadas pelos cativos já estabelecidos na cidade do Rio de Janeiro. Observou-se o predomínio absoluto de contas comuns e com menor valor de mercado, com manufatura do tipo *drawn*, pequenas, simples e brancas. Este resultado, compreendido como mais um aspecto da violência sofrida pelos escravizados, mostrou-se oposto àquele obtido com as contas recuperadas no Cais do Valongo.

Palavras-chave: diáspora africana, contas de vidro, Cemitério dos Pretos Novos, Valongo, Rio de Janeiro.

¹ Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rua Visconde de Santa Isabel no. 186, apto 701. Vila Isabel, Rio de Janeiro/RJ - CEP 20560-120.

E-mail: joaoalvesjpa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0773-704X>.

² Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Av. Henfil no. 15, apto 503. Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro/RJ. CEP 22795-641. E-mail: andrea.lessa@mn.ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2932-8934>.

RESUMEN

Las cuentas de vidrio fueron los únicos objetos personales encontrados con los restos de los africanos enterrados en el cementerio de los Pretos Novos, Río de Janeiro, lo que las caracteriza como importantes indicadores étnicos y sociales. A través del análisis cuantitativo y cualitativo de 223 artefactos, se buscó establecer un patrón para las cuentas utilizadas por los cautivos recién llegados, así como compararlo con la tipología previamente definida para las cuentas utilizadas por los cautivos ya establecidos en la ciudad de Río de Janeiro. Hubo un predominio absoluto de cuentas comunes de menor valor comercial, de fabricación tipo *drawn*, pequeñas, sencillas y de color blanco. Este resultado, entendido como un aspecto más de la violencia sufrida por los esclavizados, es contrario al obtenido con las cuentas recuperadas en Cais do Valongo.

Palabras clave: diáspora africana, cuentas de vidrio, Cementerio de los Pretos Novos, Valongo, Río de Janeiro.

ABSTRACT

Glass beads were the only personal belongings found with the remains of the Africans buried in the Pretos Novos cemetery, Rio de Janeiro, which characterizes them as important ethnical and social indicators. The quantitative and qualitative analysis of 223 artifacts aimed to establish a standard for the beads used by the newly arrived captives, as well as comparing it with the typology previously defined for the beads used by captives already established in the city of Rio de Janeiro. There was an absolute predominance of common beads with lower market value, with drawn-type manufacturing, small, simple, and white. This result, understood as one more aspect of the violence suffered by the captives, proved to be the opposite of that obtained from the beads recovered at the Valongo Wharf.

Keywords: African diaspora, glass beads, Pretos Novos Cemetery, Valongo, Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

As primeiras pesquisas sobre a diáspora africana para o Brasil, realizadas entre as décadas de 1980 e 1990, tiveram como principais temáticas os quilombos e as fazendas de monocultura de cana e café localizadas em Minas Gerais, Alagoas e Rio de Janeiro, com especial interesse nos espaços de senzalas (Guimarães & Lanna, 1980; Guimarães, 1990; Lima, 1993; Orser, 1994). Nas décadas seguintes, além das temáticas mencionadas (Funari, 2003, Symanski, 2006; Souza, 2007), ganharam destaque os estudos sobre engenhos de açúcar (Symanski e Souza, 2007), os estudos interdisciplinares sobre cultura material (Agostini, 2013), e os estudos em contextos urbanos (Lima *et al.*, 2016, Tavares *et al.*, 2020).

Nessas e em outras pesquisas os autores vêm discutindo as implicações da migração forçada de africanos para a história econômica e a formação sociocultural da nação. Mas, apesar de todo o desenvolvimento dessa temática na arqueologia brasileira ao longo das últimas quatro décadas, ainda são raros os estudos de bioarqueologia ou mesmo de arqueologia funerária em contextos específicos de africanos e afrodescendentes cativos.

De acordo com Lessa (2022), em contextos rurais, os espaços funerários associados à escravidão africana estão normalmente localizados em fazendas e engenhos, e representam uma perspectiva de pesquisa com grande potencial para a bioarqueologia, especialmente no que se refere às abordagens sobre identidade social. O investimento intelectual sobre essa temática de investigação, no entanto, ainda é bastante tímido, haja vista que as pesquisas voltadas para a diáspora africana e temas correlatos têm dirigido esforços para a escavação de senzalas, moitas, casas grandes e áreas de descarte de refúgio cotidiano. As estruturas funerárias, normalmente associadas aos espaços de liturgia ou localizadas em terrenos mais afastados das demais edificações principais, como as roças, não despertam o interesse dos arqueólogos, os quais estão normalmente voltados para as estruturas e cultura material associadas às relações e atividades diárias dos atores sociais.

Quanto aos contextos urbanos, os espaços funerários com presença de africanos e afrodescendentes escravizados e libertos, salvo raras exceções, estiveram sob domínio eclesiástico até 1850, quando os sepultamentos aconteciam no interior ou no adro de igrejas e capelas de irmandades de pretos e pardos; ou, principalmente, nos chamados cemitérios de caridade, sendo o principal deles o da Santa Casa de Misericórdia. Esses espaços funerários, no entanto, não eram destinados exclusivamente aos cativos e libertos, sendo sepultada também a população de origem europeia pobre e marginalizada, impossibilitando a distinção entre os atores sociais (Lessa, 2022).

Diante das dificuldades mencionadas, o descobrimento fortuito do Cemitério dos Pretos Novos³ (CPN) em 1996 durante uma obra de reforma na residência do casal Ana Maria de La Merced e Petrucio Guimarães, configurou-se uma oportunidade excepcional para as pesquisas de bioarqueologia e arqueologia funerária associadas à diáspora africana para o Rio de Janeiro. Trata-se de um espaço funerário destinado exclusivamente para o depósito dos corpos dos cativos africanos que morreram antes de serem vendidos no mercado do Valongo, ativo entre 1769 e 1830, sendo o único desta natureza conhecido até o momento nas Américas.

Sobre a origem das pessoas depositadas no cemitério do Valongo, os dados apresentados por Florentino *et al.* (2004) indicam que 79% dos navios aportados na cidade do Rio de Janeiro entre o final do século XVIII

³ Também conhecido como cemitério do Valongo, uma vez que está localizado na então Rua do Cemitério/Valongo, atual Rua Pedro Ernesto no. 34/Saúde.

e primeira metade do século XIX partiram da África centro-ocidental. O contingente restante de africanos partiu de portos da região ocidental (Gomes, 2011), incluindo os africanos mulçumanos, e da costa leste, conhecidos como moçambiques. A pesquisa de Pereira (2007) nos assentos de óbito da Paróquia de Santa Rita se alinha aos dados de Florentino *et al.* uma vez que demonstra que os pretos novos depositados no cemitério do Valongo entre 1825 e 1830 embarcaram majoritariamente em portos da região centro-ocidental africana, como Luanda e Benguela.

Quanto à demografia, os dados de Pereira para os anos de 1824 e 1825 revelam que os pretos novos eram, em grande maioria, homens adultos (72,3%). As mulheres adultas (9,23%), os jovens (5%), as jovens (3,12%) e as crianças (3%) eram trazidos para o Rio de Janeiro em percentuais muito inferiores, resultando em baixa representativa no espaço funerário.

A primeira escavação estratigraficamente controlada e em profundidade no CPN aconteceu em 2017, quando foi escavada uma área de 2m² até o nível de 1,60m. Os remanescentes humanos se encontravam bastante fragmentados e impactados pela ação térmica devido à queima dos corpos, que eram depositados uns sobre os outros sem qualquer cuidado e mal cobertos por um punhado de terra. Essa prática tinha como objetivo tentar amenizar o terrível cheiro de decomposição, espantar os animais carniceiros, e principalmente otimizar o espaço completamente saturado de corpos (Lessa *et al.*, 2018).

Em meio a este cenário de indignidade, claramente delimitado sob a perspectiva étnica, chamou a atenção, a princípio, a quase completa ausência de cultura material associada aos indivíduos, excetuada por uma expressiva quantidade de contas de vidro. Na verdade, a ausência de bens pessoais entre os cativos recém-chegados seria uma condição esperada, haja vista os relatos de viajantes estrangeiros que estiveram no Rio de Janeiro no século XIX. Fontes escritas, como as obras da pintora e historiadora inglesa Maria Graham e dos naturalistas alemães J. B. von Spix e C.F.P. von Martius, e pictóricas, como as gravuras e pinturas de Johann M. Rugendas, Jean B. Debret, Augustus Earle e Henry Chamberlain, atestam as condições de miséria física e material nas quais os africanos chegavam à cidade. Muitos se apresentavam bastante debilitados e minimamente cobertos com o que Karasch (2000) afirma ser um avental azul e branco amarrado na cintura, se não completamente nus.

Assim, a presença das contas de vidro, única materialidade enterrada com os pretos novos, ganhou destaque no âmbito das abordagens voltadas para discussões sobre a vida dos africanos antes do cativeiro. Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo analisar e discutir a presença destes importantes artefatos junto aos corpos de pessoas que os conservaram durante meses através da penosa travessia desde sua terra natal até o seu triste fim no cemitério do Valongo.

CONTAS DE VIDRO NA ÁFRICA CENTRO-OCIDENTAL

A relação entre os africanos e as contas, confeccionadas principalmente em uma grande variedade de materiais orgânicos como sementes, nozes, conchas, presas, ossos e dentes, remonta a pelo menos 6.000 anos. Embora confeccionadas mais recentemente e com distribuição geográfica mais restrita, as contas de metal, incluindo o ouro, e de minerais, também podem ser encontradas tanto nos registros arqueológicos quanto etnográficos (Connah, 1981).

Sobre as contas de vidro especificamente, é correto afirmar que a sua presença na África tem profunda relação com os distintos estilos de vida experienciados pelos africanos. A produção local, restrita a poucas

regiões da África ocidental, foi influenciada por fatores ambientais, pela disponibilidade e distribuição de matérias-primas e pelo contato com a cultura e tecnologia islâmicas e europeias durante os últimos quatrocentos anos. A produção europeia em larga escala nos grandes centros, como Veneza e Boêmia, ao contrário, possibilitou o estabelecimento de uma vasta rede comercial em toda a região subsaariana (Dubin, 2006).

As contas são, na verdade, parte integrante de um sistema de comunicação composto por várias camadas e utilizado em todas as sociedades africanas. Os adornos, especialmente com contas, comunicam valores culturais em uma linguagem simbólica que expressa posição social, religião, política e atitudes artísticas. Ainda hoje as contas são essenciais para a vida de todos os africanos - desde os povos caçadores e coletores do sul do deserto de Kalahari até os ricos aldeões da Nigéria e de Gana - e sua capacidade de refletir uma herança cultural específica ainda é fortemente pronunciada na África (Dubin, 2006).

Sob a perspectiva da África colonial, com o avanço do comércio com a Europa o uso das contas foi se tornando cada vez mais comum. Assim, no âmbito das transações comerciais entre europeus e africanos, derivadas do regime escravocrata e, portanto, aqui destacadas, sem dúvida as contas de vidro foram um dos artigos mais populares e importantes.

É correto afirmar que as contas figuravam entre os cinco produtos básicos exigidos pelos africanos em suas trocas com os portugueses, junto com os tecidos, metais (na forma de manilhas, barras de ferros e hastes de cobre e latão), búzios (cauris) e vinho. Esses bens já eram utilizados no continente africano como base para trocas, o que foi logo percebido e incorporado pelos comerciantes portugueses. Esses, por sua vez, tinham como objetivo obter o máximo de lucro com um mínimo de comprometimento de sua mão de obra e de recursos, o que foi facilmente alcançado com as contas de vidro. Trocadas no continente africano por marfim, ouro e pessoas escravizadas, rendiam lucros com margem de até 1.000% sobre os investimentos, de acordo com o relato de um comerciante em 1632. As contas eram, de fato, parte de um ciclo comercial complexo: rum, tecidos, armas e contas eram enviados da Europa para a África; cativos, ouro, marfim e óleo de palma eram levados da África para o Novo Mundo e para a Europa; e açúcar, tabaco e barras de prata e ouro eram levados do Novo Mundo para a Europa (Dubin, 2006).

Naturalmente, esse amplo e volumoso sistema comercial transatlântico repercutiu de forma expressiva em aspectos culturais e sociopolíticos nas etnias e reinos africanos. É fato que este comércio floresceu ainda no final do século XV e no século XVI a partir de redes seculares, e se firmou através da satisfação dos consumidores. Mas a intensidade das trocas de mercadorias ocorridas entre os séculos XVII e XIX aconteceu em uma escala e de forma jamais vistas. O sistema transatlântico transformou as antigas redes e criou novas fronteiras de comércio, novos padrões de consumo e novas formas e expressões de riqueza e poder (Ogundiran, 2002).

No que se refere à África centro-ocidental, região de origem majoritária dos pretos novos depositados no cemitério do Valongo, relatos como o do explorador português Henrique Augusto Dias de Carvalho (1890) demonstram que as contas de vidro, além do forte significado simbólico, possuíam valor monetário:

As missangas e contaria grossa constituem a maior riqueza das mulheres, que transformam o corpo em verdadeiras montras [vitrines], em que se vêem contas de todas as cores, formas e grandezas, que o commercio portuguez para lá tem levado. Algumas vi que de certo eram de facturas muito antigas, pois o nosso commercio já ahí não as leva.

Os homens também as usam numas tribus mais do que em outras, porém apenas em uma a duas fiadas, ao pescoço e nas tranças do cabelo, e duas a três fiadas grossas na cintura. Também nos pulsos ou nos delgados das pernas trazem as vezes uma até duas fiadas.

As mulheres que possuem estas riquezas e mesmo os homens recorrem a ellas muitas vezes, quando não teem outro recurso, tirando algumas missangas ou contas de que precisam para comprarem o seu pedaço de carne, peixe e mesmo malufó ou marra (garapa).” (Carvalho, 1890, p. 136).

(...) Entre os objectos de adorno, há uns considerados como distintivos de auctoridade; outros que se usam constantemente e de necessidade, em virtude de superstições, attribuindo-se-lhes o dom de afastarem malefícios, doenças, accidentes, e que podem classificar-se como amuletos, e outros finalmente que são adornos. D’estes os que são de missangas e contaria simplesmente enfiada, e que facilmente se soltam, podem considerar-se como entre nós um pecúlio, e a que se recorre para satisfação de qualquer necessidade ou appetite inesperado, se lhes faltam outros recursos. (Carvalho, 1890, p. 228).

Finalmente, de acordo com Almeida (2017), entre etnias centro-ocidentais, como lundas, congos e quiocos, as contas de vidro europeias foram incorporadas em objetos produzidos na África ligados a autoridade e política, o que atestaria o prestígio desses bens. Demonstrava, ainda, que o poder político de seus usuários emanava, entre outros fatores, das relações estabelecidas entre a sua região de comando e as redes do comércio europeu.

TÉCNICAS DE MANUFATURA DAS CONTAS DE VIDRO ENCONTRADAS NA ÁFRICA COLONIAL

Durante todo o período do tráfico de cativos africanos, a ilha de Murano, em Veneza, se constituiu como o principal centro produtor de contas de vidro da Europa. No final do século XV os venezianos abriram uma fábrica na Boêmia e nos séculos XVI e XVII eles chegaram à França, Holanda e Inglaterra (Francis, 2008).

A técnica *wound* foi, provavelmente, uma das primeiras utilizadas para a produção das contas de vidro venezianas. Consistia no gotejamento de vidro derretido sobre um suporte de madeira ou ferro, o qual era revestido com uma pasta refratária. Em 1470 esta técnica foi aprimorada com a invenção dos finos canos de vidro (ou filigranas), os quais ficavam em constante contato com a chama para permanecerem viscosos, e então eram modelados sobre uma vara de ferro (mandril) a partir da sua rotação manual. Esta técnica chegou à Holanda e França ainda no século XVI devido à migração dos artesãos venezianos. Já na Boêmia a técnica foi introduzida apenas no século XIX. A menos que tenha sido utilizada alguma matéria prima, decoração ou técnica complementar específica, é muito difícil determinar a origem das contas *wound* (Blair *et al.*, 2009).

A técnica para fabricação das contas do tipo *drawn* foi desenvolvida (ou aprimorada) em Veneza por volta de 1490, e possibilitou a produção de contas padronizadas de diversos formatos, tamanhos e cores, demandadas em função do crescimento do mercado externo (Francis, 1998; Blair *et al.*, 2009). Sua fabricação exigia o domínio de operações mais complexas do que aquelas utilizadas nas contas do tipo *wound*. A primeira etapa consistia na produção de uma massa de vidro fundida, que era colocada na extremidade de uma haste metálica oca e manipulada dentro das fornalhas até atingir a temperatura ideal. O diâmetro da haste variava de acordo com o tamanho desejado para as contas. Na etapa seguinte a haste era retirada da fornalha, e a massa era modelada em formato cilíndrico com o auxílio de uma base de metal (inicialmente de mármore) e de uma pinça, o que garantia a presença de um orifício no seu interior. O artesão alternava este processo com o sopro da haste oca, o que também ajudava na modelagem da massa e na presença do orifício, mantendo assim a perfuração das futuras contas. Então um segundo artesão acoplava outra haste metálica na extremidade livre da

massa viscosa, e ambos começavam a se distanciar, esticando a massa que se transformava em um tubo comprido. Este tubo era então apoiado em uma estrutura parecida com uma escada horizontal para resfriar sem tocar o chão. Na sequência, o tubo era cortado, a princípio manualmente, também de acordo com o tamanho desejado para as contas (Karklins, 1974; Sprague & Bowers, 1985; Karklins & Jordan, 1990; Francis, 1998; Blair *et al.*, 2009).

Outras duas técnicas também foram utilizadas por artesãos venezianos e de outros centros produtores europeus. Bem menos comuns, são raros os relatos sobre a sua fabricação e as referências sobre pesquisas. A técnica *blowing* foi utilizada principalmente na Boêmia, China e Espanha durante os séculos XVI e XVII, sendo então abandonada devido à crescente demanda do mercado. Consistia no aquecimento da extremidade de um tubo de vidro até que ficasse viscoso, o qual era então soprado para expandir em formato de bolha, que resultaria posteriormente na conta. Essas contas possuem grande diversidade de formas, mas raramente foram encontradas em sítios nas Américas (Francis, 1991; Blair *et al.*, 2009).

A técnica *mold-pressed* (ou *molded*), que demandava menores custos para produção, passou a ser utilizada em Veneza a partir de 1860, mas já era empregada na Bohemia no final do século XVIII (Ross, 2003). Através desta técnica foram produzidas sobretudo as contas facetadas, cujas cores mais comuns eram azuis e pretas. Varetas de vidro eram aquecidas até atingir a viscosidade necessária, quando eram então colocadas em um molde composto por duas partes que lhe dava forma, incluindo a perfuração central. Os bastões podiam ser listrados ou padronizados de outra forma, o que resultaria em contas mais elaboradas (Karklins, 1974; Sprague & Bowers, 1985; Blair *et al.*, 2009; Dubin, 2006).

Finalmente, também circulavam na África, embora de forma restrita, contas de vidro produzidas no próprio continente, na região ocidental (especialmente em Ilé-Ifé, cidade sagrada do reino Iorubá ao sul da Nigéria), durante o período de tráfico de cativos para as Américas e mesmo antes. A técnica utilizada, denominada *fused*, consiste na preparação de moldes redondos de barro, com espessura entre 2,5 e 14 cm, em cuja superfície são feitas perfurações circulares com diâmetro e profundidade que variam de acordo com o tamanho das contas desejadas. No centro dessas cavidades são colocadas hastes de material orgânico revestidos com argila, o que garante a presença do orifício central da conta após a sua queima. Os moldes são preenchidos com vidro triturado proveniente de outras peças como garrafas e mesmo contas europeias, e obtido com o uso de um pilão. O pó de diferentes cores é acomodado de acordo com o padrão desejado. Apesar das altas temperaturas atingidas no interior dos fornos, não ocorre a fusão completa dos fragmentos de vidro, o que dá às contas um aspecto granular. Normalmente elas são finalizadas com polimento (Dubin, 2006).

METODOLOGIA DE ANÁLISE DAS CONTAS DO CPN

Todas as contas e missangas encontradas durante a escavação arqueológica do Cemitério dos Pretos Novos, realizada em 2017, e totalizando 223, foram analisadas. Em virtude das práticas funerárias performadas no CPN, como a queima dos corpos e o posterior espalhamento dos remanescentes ósseos, as contas se encontravam dispersas na matriz arqueológica. Não foi possível, portanto, identificar fiadas ou associar as contas a indivíduos específicos.

Os métodos de análise utilizados são aqueles sugeridos no Systematic Bead Description System, publicado por DeCorse *et al.* (2003), à exceção dos processos pós-deposicionais, definidos pelos autores desta pesquisa. Foram considerados, portanto, os seguintes atributos:

- a. Material de composição: de uma forma geral, as contas encontradas em contextos arqueológicos africanos podem ser compostas por vidro (V)⁴; cerâmica (C); rocha (R); concha (CN); cornalina (CR).
- b. Método de manufatura: *wound* (W); *drawing* (D); *molding* (M); *prosser-molding* (PM); *fused* (F), indeterminado (I).
- c. Estrutura: refere-se à organização da parte estrutural das contas, a saber, o número de camadas ou elementos decorativos: simples (S) para contas compostas por uma única camada de vidro; combinada (C) para compostas por duas ou mais camadas de vidro sem decoração; complexa (CX) para contas simples (S) com decoração exógena; composta (CB) para contas combinadas (C) com decoração exógena.
- d. Forma: esférica; abaloada; toróide ('donut-shape'); tubular; cilíndrica; quadrangular; losangular; balonar; cônica; discoidal; não definida.
- e. Medida: comprimento e diâmetro (máximo para ambos, em milímetros). A classificação para esta variável seguiu a proposta de Karklins (2012): muito pequena (< 2,0 mm); pequena (2-4 mm); média (4-6 mm); grande (6-10 mm); e muito grande (> 10 mm).
- f. Brilho: brilhante; fosca.
- g. Diafaneidade: refere-se à capacidade da conta em transmitir a luz: opaca (OP); translúcida (TL); transparente (TP).
- h. Cor: definida de acordo com o Munsell Bead Book of Colors (2012), manual desenvolvido especificamente para a padronização das cores de contas e missangas confeccionadas em diferentes materiais.
- i. Processos pós-deposicionais: sem alteração (contas cuja deterioração tenha sido mínima, observada apenas com auxílio de lupa, como ranhuras superficiais causadas pelo tempo em que permaneceram sob o solo); quebra (quando há ausência de parte da conta); rachadura (quando apresentam linhas de fratura isoladas, com diferentes tamanhos e profundidades); craquelamento (quando apresentam numerosas linhas de fratura, muito finas e interconectadas); pátina (quando há modificação de toda a superfície ou material exógeno aderido); descascamento (quando apresentam descolamento de partes da superfície externa); e derretimento (quando apresentam deformação morfológica em virtude de ação térmica).

Para identificação das técnicas de manufatura foi utilizada a seguinte metodologia (Kidd & Kidd, 2012; Blair *et al.*, 2009):

Drawn: apresentam linhas longitudinais, paralelas ao eixo da conta; as bordas podem ser retas ou arredondadas.

Wound: apresentam linhas espiraladas que contornam as contas e são perpendiculares ao seu eixo; as bordas são arredondadas.

Mold-pressed: apresentam duas linhas longitudinais ao eixo da peça, que a dividem ao meio, o que corresponde ao uso do molde com duas partes.

Fused: apresentam aspecto granulado devido ao uso de vidro triturado proveniente de outras peças.

Vale ressaltar que a estimativa cronológica para as contas europeias se constitui tarefa difícil e normalmente imprecisa, uma vez que especialmente os tipos *wound* e *drawn* monocromáticos simples apresentam variação limitada na manufatura e na decoração ao longo do tempo. O mesmo ocorre em relação à atribuição de procedência, uma vez os artesãos venezianos levaram suas técnicas para diferentes centros produtores (DeCorse *et al.*, 2003). Portanto, nesta pesquisa, as contas serão classificadas como europeias ou africanas (*fused*), uma vez que as distinções podem ser feitas apenas em relação a essas últimas, que são fabricadas

⁴ Algumas contas são compostas na verdade por massa vítrea, que inclui, além do vidro, um percentual variado de cal. Para fins classificatórios e comparativos (incluindo-se as referências bibliográficas internacionais) todas as contas encontradas no CPN serão designadas de vítreas.

em moldes de cerâmica circulares, a partir do derretimento de outras peças de vidro, inclusive contas. De forma geral as contas africanas apresentam textura mais grosseira do que as europeias.

RESULTADOS

Manufatura: De acordo com a literatura internacional, a manufatura pode ser considerada a principal variável no que se refere à produção de contas de vidro. Quatro tipos de manufatura foram identificados nas peças encontradas no CPN, o *drawn* (83,4%) (Figura 1), o *wound* (4,0%) (Figura 2), o *blown* (7,2%) (Figura 3), e *mold-pressed* (0,9%) (figura 4). Não foram identificadas contas do tipo *fused*, cuja origem é africana. Em um pequeno número de peças não foi possível a identificação da manufatura (4,5%).

Forma: Foram identificadas seis formas distintas entre as contas do CPN, sendo o percentual de peças não identificadas, ou disformes, bastante inexpressivo (0,4%). As formas são as seguintes:

a) Tubular (35,9%) (Figura 5): apresenta o comprimento maior do que a largura. As extremidades destas contas são frequentemente planas (cortadas), apresentando o mesmo diâmetro que o centro. Pode ocasionalmente ser difícil diferenciar entre uma conta tubular e uma conta em forma de barril, mas o comprimento maior que a largura é um bom guia. No geral, a manufatura é do tipo *drawn* (Aultman & Grillo, 2016).

b) Barril (36,8%) (Figura 6): O diâmetro da conta é normalmente mais largo do que o seu comprimento. As áreas laterais são relativamente uniformes em diâmetro, embora possam ser ligeiramente mais expandidas do que as bordas. As extremidades das contas são achatadas, normalmente cortadas e esmerilhadas (Aultman & Grillo, 2016). A manufatura pode ser do tipo *drawn* ou *wound*.



Figura 1. Exemplo de conta com manufatura do tipo *drawn*. Note-se as linhas longitudinais, paralelas ao eixo da conta – Cemitério dos Pretos Novos, RJ (Fotografia dos autores).

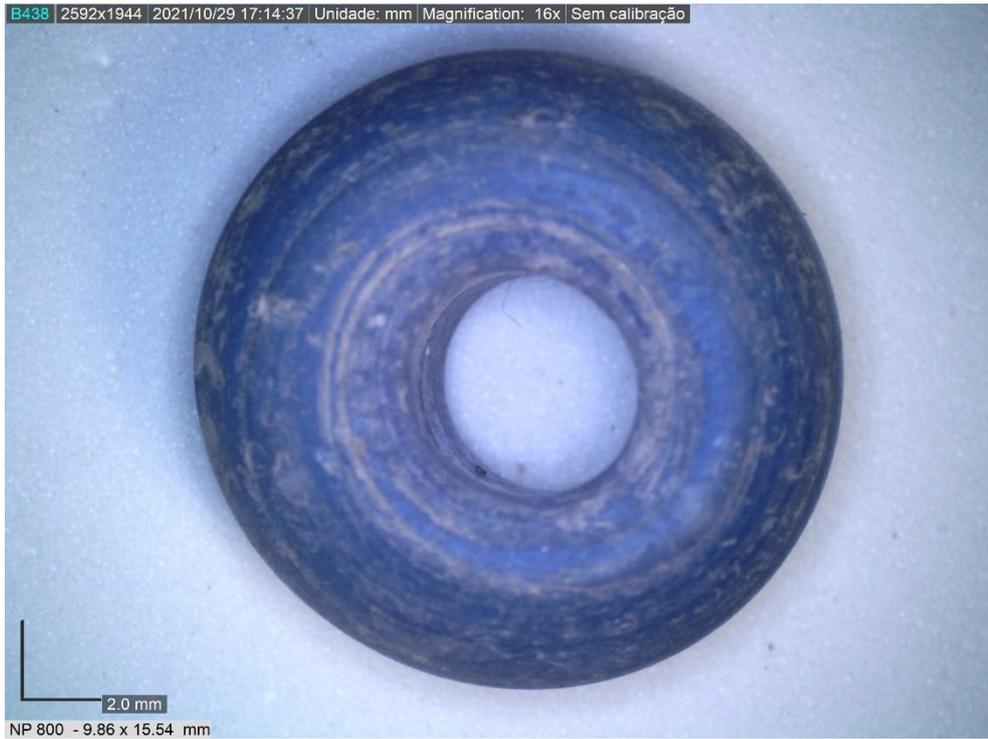


Figura 2. Exemplo de conta com manufatura do tipo wound. Note-se as linhas espiraladas, perpendiculares ao eixo da conta – Cemitério dos Pretos Novos, RJ (Fotografia dos autores).



Figura 3. Exemplo de conta com manufatura do tipo blown. Note-se seu formato diferenciado – Cemitério dos Pretos Novos, RJ (Fotografia dos autores).



Figura 4. Exemplo de conta com manufatura do tipo mold-pressed. Note-se as linhas longitudinais que dividem a peça ao meio – Cemitério dos Pretos Novos, RJ (Fotografia dos autores).



Figura 5. Exemplo de conta com forma tubular – Cemitério dos Pretos Novos, RJ (Fotografia dos autores).



Figura 6. Exemplo de conta com forma de barril – Cemitério dos Pretos Novos, RJ (Fotografia dos autores).



Figura 7. Exemplo de conta com forma subsférica – Cemitério dos Pretos Novos, RJ. (Fotografia dos autores).

c) Subesférica (18,2%) (Figura 7): A forma subesférica apresenta o diâmetro pouco maior que o seu comprimento. A relação comprimento x largura, observada com paquímetro, pode ficar entre 0,46 e 0,94 mm (Aultman & Grillo, 2016).

- d) Cilíndrica com nervuras (tubo constrito) (7,2%) (Figura 3, acima): apresenta nervuras ao longo do comprimento da peça. São monocromáticas ou policromáticas não decoradas, e a manufatura é do tipo *blown* (Karklins, 2012).
- e) Discoide (0,9%) (Figura 8): apresentam o diâmetro maior que o comprimento, e a relação comprimento x largura é de 0,45 mm ou menos (Aultman & Grillo, 2016).



Figura 8. Exemplo de conta com forma discóide – Cemitério dos Pretos Novos, RJ. (Fotografia dos autores).

Estrutura: as contas encontradas no CPN apresentam dois tipos de estrutura: simples, com apenas uma camada de vidro (89,7%); e combinada, com mais de uma camada de vidro (10,3%) (Figura 9). Neste último caso, as contas apresentam camada exterior vermelha, e interior verde, esbranquiçada ou preta. Não foram encontradas contas complexas ou compostas, ou seja, com decoração adventícia, tais como apêndices. O gráfico 3 apresenta os dados relacionados as estruturas das contas.

Cor: As cores, por representarem forte apelo estético nas contas, certamente estão entre os atributos mais importantes para a atribuição de tipos. No CPN foram encontradas contas com dezenove cores distintas, elencadas de acordo com a classificação de Munsell (2012): as mais comuns são as peças N 9.5 *bright white* (44,8%), seguidas das peças N1 *Lamp Black* (13,5%), 5.0 PB 4/8 *Dusk Blue* (5,4%), 7.5 GY 4/6 *Moss Green* (5,4%), 7.5 R 3/8 *Brick Red* (5,4%), 7.5 R 3/10 *dark lacquer red* (4,9%), 7.5 Gy 5/8 *Folliage* (3,6%), 5.0 PB 6/7 *copen blue* (3,1%), 7.5 PB 2/10 *Royal blue* (3,1%) e 5.0 PB 6/8 *Twilight blue* (2,2%).

Apesar do elevado número de cores distintas, muitas delas representam menos de 1% das contas, algumas, inclusive, equivalendo a apenas 1 peça: 7.5 PB 4/11 *Bright dutch blue* (0,4%), 5.0 PB 6 /3 *Powder Blue* (0,4%) e a incolor (0,4%). Não foi possível definir a cor, de acordo com o código Munsell, em 0,4 % das contas.

Privilegiando-se uma experiência sensorial mais ampla e com o intuito de prover uma visão mais geral das cores de contas encontradas no CPN, apresenta-se também um gráfico agrupando-as segundo grandes

categorias visuais. De acordo com esta classificação, as cores mais comuns foram a branca (44,8%), azul (17,5%), preta (13,5%), vermelha (10,3%) e verde (9,0%). Outras cores, sub-representadas, totalizam 4,9%.



Figura 9. Exemplo de conta com estrutura combinada (núcleo verde e exterior vermelho – Cemitério dos Pretos Novos, RJ (Fotografia dos autores).

Medida: De acordo com a classificação de Karklins (2012), 146 contas (65,5%) são pequenas, 47 contas (21,1%) são médias e 30 contas (13,5%) são grandes. Não foram encontradas contas muito pequenas ou muito grandes.

Diafaneidade: Dentre as 223 contas encontradas no CPN, 183 (82,1%) são opacas, 39 são translúcidas (17,5%) e 1 é incolor (0,4%).

Com relação aos demais atributos considerados na presente pesquisa, os resultados obtidos não indicam variações. Assim, todas as contas encontradas no CPN foram confeccionadas em material vítreo, não apresentam modificação secundária, e têm origem europeia (em oposição às contas de origem africana).

Tipo: Finalmente, dentre as 223 contas analisadas foram definidos 37 tipos com base nos atributos selecionados (Tabela 1). Os mais comuns foram o tipo 2 (19,7%), seguido do tipo 1 (17,5%), do tipo 37 (7,2%), e do tipo 3 com (6,3%). As contas menos comuns estão representadas por 11 tipos, os quais apresentam percentual idêntico de 0,4% (uma peça de cada tipo).

Tipo	%	Manufatura	Forma	Estrutura	Cor	Medidas em mm*	Diafaneidade	Material
1	17,5	drawn	tubular	S	N9.5 bright white	C = 1,97 – 5,47 D = 2,39 – 3,98	opaca	vítreo
2	19,7	drawn	barril	S	N9.5 bright white	C = 1,86 – 4,78 D = 2,73 – 6,13	opaca	vítreo
3	6,3%	drawn	subesférica	S	N9.5 bright white	C = 1,74 – 3,50 D = 2,77 - 4,15	opaca	vítreo
4	0,4%	wound	subesférico	S	N9.5 bright white	C = 9,30 D = 13,13	opaca	vítreo
5	0,9%	drawn	discoide	S	N9.5 bright white	C = 1,46 - 1,72 D = 2,87 – 3,97	opaca	vítreo
6	1,8%	drawn	tubular	S	7.5Gy 5/8 Folliage	C = 2,52 – 3,97 D = 2,52 – 3,16	opaca	vítreo
7	5,4%1	drawn	barril	S	7.5GY 4/6 Moss Green	C = 1,86 – 2,55 D = 2,67 – 3,20	opaca	vítreo
8	1,8%	NI	subesférico	S	7.5Gy 5/8 Folliage	C = 1,75 – 1,98 D = 2,97 – 3,64	translúcida	vítreo
9	4,5%	drawn	tubular	S	5.0 PB 4/8 Dusk Blue	C = 2,89 – 4,95 D = 2,45 – 3,57	translúcida	vítreo
10	0,9%	moldada	tubular	S	5.0 PB 4/8 Dusk Blue	C = 4,27 – 5,19 D = 3,42 – 3,95	translúcida	vítreo
11	2,2%	drawn	tubular	S	5.0PB 6/8 Twilight blue	C = 3,83 – 5,59 D = 3,49 – 3,80	opaca	vítreo
12	0,9%	drawn	tubular	S	7.5B 7/6 Pale Blue	C = 4,48 - 4,54 D = 3,46 – 3,61	opaca	vítreo

13	2,2%	drawn	tubular	S	5.0PB 6/7 copen blue	C = 3,35 – 5,64 D = 2,34 – 3,58	opaca	vítreo
14	2,7%	drawn	barril	S	7.5 PB 2/10 Royal blue	C = 2,17 - 3,21 D = 2,63 - 4,33	translúcida	vítreo
15	0,9%	drawn	barril	S	5.0PB 6/7 copen blue	C = 1,95 – 2,75 D = 2,81 – 3,65	translúcida	vítreo
16	0,4%	drawn	subesférico	S	7.5 PB 2/10 Royal blue	C = 2.19 D = 3.57	translúcida	vítreo
17	0,4%	drawn	barril	S	2.5B 6/7 Bright aqua Blue	C = 2.76 D = 3.12	translúcida	vítreo
18	2,2%2	wound	tubular	C	7.5R 3/10 dark lacquer red	C = 8,41 – 9,27 D = 6,09 – 6,81	translúcida	vítreo
19	2,7%	drawn	tubular	C	7.5 R 3/8 Brick Red	C = 2,71 – 3,50 D = 2,19 – 3,09	opaca	vítreo
20	0,4%1	NI	subesférico	S	7.5 PB 2/5 Dark Blue	C = 4,62 D = 5,21	opaca	vítreo
21	1,3%	drawn	barril	C	7.5 R 3/8 Brick Red	C = 2,20 – 2,62 D = 2,70 – 3,06	opaca	vítreo
22	0,4%	wound	subesférico	S	7.5 PB 4/11 Bright dutch blue	C = 9,86 D = 15,54	opaca	vítreo
23	3,1%	drawn	subesférico	S	7.5 R 3/8 Brick Red	C = 2,46 – 5,45 D = 3,69 – 7,59	opaca	vítreo
24	0,4%	drawn	tubular	C	7.5 R 3/8 Brick Red	C = 22.71 D = 9,27	opaca	vítreo
25	3,6%	drawn	barril	S	N1 Lamp Black	C= 2,33 – 3,59 D = 2,99 – 3,86	opaca	vítreo

26	0,9%	wound	subesférico	C	7.5R 3/10 dark lacquer red	C = 6,05 – 6,95 D = 8,16 – 8,60	translúcida	vítreo
27	0,4%	NI	subesférico	S	NI	C = 3,15 D = 4,10	translúcida	vítreo
28	1,3%	NI	subesférico	S	7.5y 8/6 light lemon yellow	C = 2,09 – 2,73 D = 3,49 – 3,85	opaca	vítreo
29	0,4%	drawn	barril	S	incolor	C = 2,80 D = 2,87	transparente	vítreo
30	0,9%	drawn	barril	S	10.0YR 5/10 Topaz	C = 2,72 – 3,32 D = 3,42 - 3,75	opaca	vítreo
31	0,4	drawn	barril	S	10.0YR 5/10 Topaz	C = 11,17 D = 10,18	opaca	vítreo
32	0,4	drawn	tubular	S	N1 Lamp Black	C = 5,57 D = 3,93	translúcida	vítreo
33	2,2%	drawn	subesférico	S	N1 Lamp Black	C = 2,16 – 2,36 D = 3,32 – 5,26	translúcida	vítreo
34	0,9%	drawn	barril	S	5.0YR 5/1 Fawn	C = 3,17 – 4,06 D = 3,35 – 3,58	translúcida	vítreo
35	0,9%	drawn	subesférico	S	5.0YR 5/1 Fawn	C = 2,43 – 2,60 D = 3,61 – 3,91	translúcida	vítreo
36	0,4%	drawn	barril	S	5.0 PB 6 /3 Powder Blue	C = 1,76 D = 2,43	opaca	vítreo

37	7,2%	blown	cilíndrica com nervuras	S	N1 Lamp Black	C = 15,28 - 19,07 D = 3,33 - 4,14	opaca	vítreo
----	------	-------	-------------------------------	---	------------------	--------------------------------------	-------	--------

Tabela 1. Tipologia das contas segundo as variáveis analisadas e percentual de cada tipo. Valores C representam os comprimentos mínimo e máximo; valores D representam os diâmetros mínimo e máximo.

– Cemitério dos Pretos Novos/RJ.

Alterações pós-deposicionais: As alterações pós-deposicionais não foram consideradas como atributos determinantes dos tipos de contas. Mais da metade das peças não sofreu alteração pós-deposicional (57,4%), apresentando a superfície externa bem preservada ou com marcas invisíveis à vista desarmada. As alterações pós-deposicionais mais comuns foram a pátina (20,2%); quebra e descascamento (7,2%); apenas quebra (5,8%); apenas descascamento (4,0%); rachadura (3,6%); craquelamento (0,9%); quebra e craquelamento (0,4%). Não foi possível identificar o tipo de alteração em 0,4% das contas, e não foi observada a alteração do tipo derretimento em nenhuma das contas analisadas.

COMPARAÇÃO COM OUTRAS CONTAS ENCONTRADAS NO RIO DE JANEIRO

Tal como referido por DeCorse *et al.* (2003), a variação quase infinita na combinação de técnicas de manufatura, forma, cor e decoração impede a definição de categorias específicas (aqui chamadas de tipos) para cada conta já produzida ao longo de milênios em pelo menos três continentes. No entanto, é bastante válida a identificação de tipos em um universo restrito, como um determinado sítio arqueológico, bem como é válida a tentativa de comparação entre as peças presentes em dois ou mais sítios. Trata-se, na verdade, de um exercício que busca encontrar convergências e divergências, mas que estará sempre longe de representar um panorama acurado, haja vista a não existência de uma padronização para a atribuição de determinados atributos, entre eles a forma e a estrutura das peças.

Assim, resguardadas as dificuldades analíticas e limites deste exercício, buscou-se aqui comparar os dados e identificar correspondências entre as contas, para entender o quão similares ou distintas se apresentam as peças encontradas em dois sítios arqueológicos localizados na cidade do Rio de Janeiro: no CPN, aqui estudadas; e no cais do Valongo, estudadas por Brito (2015). A escolha deste último trabalho para a análise comparativa se justifica uma vez que ambos os sítios integravam o complexo escravista do Valongo; ambos os sítios receberam, em sua grande maioria, africanos da região centro-ocidental; e as análises de ambos os sítios contaram com quantitativo semelhante para as contas de vidro.

Neste ponto é preciso ressaltar a enorme quantidade de tipos possíveis de serem identificados entre as contas europeias, resultado de infinitas combinações de atributos em função das tendências do mercado, especialmente do africano, caracterizado pelas contínuas e específicas alterações nas demandas. O trabalho de Brito (2015) exemplifica muito bem esta questão, uma vez que, entre as 257 contas analisadas (sendo 211 de vidro), foram classificados 110 tipos (dos quais 90 são de vidro). Assim, e devido a pequenas diferenças na aplicação da metodologia de análise, observou-se aqui ser pouco informativa a comparação entre tipos, motivo pelo qual foram comparados separadamente os principais atributos das contas em termos visuais, a saber, manufatura, estrutura, cor e tamanho (Tabela 2). Não foi possível comparar o atributo forma, a despeito de

sua importância, devido a diferenças observadas entre este trabalho e o de Brito (2015) na aplicação da metodologia para classificação.

	CPN	CV
MANUFATURA	%	%
Drawn	83,4%	71,4%
Wound	4,0%	24,9%
Blown	7,2%	0,0%
Molded	0,9%	2,3%
Fused	0,0%	0,5%
Não identificada	4,5%	0,9%
ESTRUTURA		
Simple	89,7%	26,8%
Combinada	10,3%	16,0%
Complexa	0,0%	38,0%
Composta	0,0%	19,2%
COR		
Branca	44,8%	20,4%
Azul	17,5%	34,1%
Preta	13,5%	8,5%
Vermelha	10,3%	21,3%
Verde	9%	0,9%
Outros	4,9%	14,7%
TAMANHO		
Pequena	65,5%	4,7%
Média	21,1%	14,1%
Grande	13,5%	81%1

Tabela 2. Categorias comparativas entre contas de vidro do Cemitério dos Pretos Novos/RJ e do Cais do Valongo/RJ.

A comparação entre as amostras demonstrou haver significativas diferenças entre as peças encontradas nos dois sítios, principalmente no que se refere a três dos atributos analisados, que se apresentam de forma oposta

com diferenças percentuais bastante expressivas: no CPN predominam as contas simples (89,7%) e não há peças decoradas, além das contas pequenas (65,5) e brancas (44,8%); enquanto no Cais do Valongo predominam as contas decoradas (complexas + compostas = 57,2%), grandes (81,1%) e azuis (34,1%). A manufatura representa a diferença menos expressiva entre os atributos analisados. Ambos os sítios apresentam predominância do tipo drawn, mas chamam a atenção os percentuais para o tipo wound, de 4,0% para o CPN e 24,9% para o Cais do Valongo.

SOBRE OS ÚNICOS BENS DOS PRETOS NOVOS ENTERRADOS NO VALONGO

A análise das contas de vidro encontradas no Cemitério dos Pretos Novos permitiu o estabelecimento de um padrão geral inicial para as fiadas portadas pelos africanos recém-chegados ao Rio de Janeiro no momento da sua morte. Nesse sentido, o primeiro aspecto que chama a atenção é a presença de uma maioria absoluta de contas com manufatura do tipo drawn (83,4%) e presença inexpressiva dos demais tipos. Mesmo a presença da segunda categoria com maior ocorrência, a blown (7,2%), deve ser interpretada com cautela, uma vez que as 16 peças encontradas são absolutamente idênticas, estavam distribuídas em área relativamente restrita no pacote arqueológico e configuram um tipo pouco comum nos sítios brasileiros, o que indica que faziam parte de uma única fiada. Assim, se fosse possível estabelecer o número de fiadas portadas pelos pretos novos quando de sua morte, provavelmente a diferença percentual entre os tipos de manufatura seria ainda maior.

Este resultado se alinha com o contexto mercantil geral referente à fabricação de contas europeias durante o período de comércio transatlântico. Segundo Dubin (2006), as contas drawn foram produzidas em larga escala pela indústria de vidro europeia para serem comercializadas na África e nas Américas. Além de serem mais baratas, permitiam grande variedade de cores e formas.

Outros aspectos que chamam a atenção em relação às contas encontradas no CPN são a ocorrência predominante dos seguintes atributos: contas simples (89,7%) sobre contas combinadas (10,3%) e ausência de contas decoradas; contas pequenas (65,5%) sobre contas médias (21,1%) e grandes (13,5%); e contas brancas (44,8%) sobre as demais cores. Sobre este último atributo, vale lembrar que estudos etnográficos e arqueológicos indicam que as contas azuis estavam revestidas de expressivo valor simbólico e social para as sociedades africanas, e eram predominantes em vários contextos dos séculos XVIII e XIX tanto na África ocidental (e.g. Kimura & Shenkere, 2009; Ogundiran, 2002) quanto na América do Norte (e.g. Stine *et al.*, 1996), Caribe (e.g. Fricke e Zahedi, 2020) e Brasil (Lima *et al.*, 2014; Brito, 2015).

As características e atributos acima mencionados indicam que os pretos novos enterrados no CPN portavam contas com menor valor de mercado e menos valorizadas pelos africanos, seja sob a perspectiva de seu significado monetário, simbólico, estético ou como indicador social.

Foge do escopo deste trabalho apresentar e discutir o complexo itinerário desses bens desde a sua manufatura na Europa, o que será objeto de outro texto. No entanto, vale ressaltar que os africanos recém-chegados, ao serem descarregados no Rio de Janeiro, já traziam consigo as fiadas de contas, uma vez que após os desembarques alfandegários os cativos doentes seguiam direto para o cumprimento da quarentena. Tavares *et al.* (2020) discutem a necessidade de separação dos cativos recém-chegados doentes dos sãos, bem como a obrigatoriedade de quarentena de no mínimo oito dias, a partir de 1808.

Porém, independentemente da aplicação dessas normativas de saúde pública, pouquíssimo tempo se passava entre a chegada dos africanos doentes, que contraíam as graves moléstias infectocontagiosas ainda na África ou durante a travessia atlântica, e o depósito de seus corpos no cemitério do Valongo. E, durante o breve

período de confinamento para cumprimento da quarentena, dificilmente os moribundos receberiam as contas, seja de outros malungos doentes ou dos encarregados de vigiá-los e tratá-los. Assim, é correto inferir que, a despeito da simplicidade e baixo valor das peças, as fiadas de contas, preservadas por tanto tempo mesmo diante de todas as adversidades físicas e morais impostas pelo cativo, eram imbuídas de importância suficiente para configurarem como os únicos bens que acompanhavam os pretos novos após a morte.

Neste ponto é preciso ressaltar que o fato de as contas serem usadas na forma de fiadas penduradas em pescoços, cinturas, punhos e tornozelos, ou ainda trançadas nos cabelos, favoreceu sua permanência junto a indivíduos que dificilmente conseguiriam carregar outros bens pessoais por muito tempo. Assim, parece coerente a ausência, junto aos corpos dos pretos novos, de outros objetos, mesmo de uso frequente, como os cachimbos. Eles seriam perdidos ou subtraídos no momento de sua captura, ao longo da penosa travessia desde os sertões da África até o Rio de Janeiro, ou durante a quarentena, quando os cativos se encontravam ainda mais vulneráveis devido à iminência da morte.

Chama a atenção, no entanto, a ausência no espaço funerário escavado de outros itens pessoais igualmente utilizados junto ao corpo, como os amuletos para cura, boa sorte, e proteção física e espiritual. Ampla e fartamente utilizados por africanos em práticas mágico-religiosas, esses objetos eram confeccionados tanto sobre materiais orgânicos perecíveis, dificilmente preservados, especialmente em um contexto de queima dos corpos, quanto sobre materiais duráveis como osso, dente, chifre, concha, metal, mineral e coral. Lima *et al.* (2014) atestam a expressiva utilização de amuletos por cativos africanos, maioria no Rio de Janeiro, e afrodescendentes, ao encontrarem centenas de peças durante a escavação do Cais do Valongo. A explicação para a ausência de bens tão valorizados e facilmente transportáveis estaria justamente no que Probert e Sijpesteijn (2022) discutem como sendo a sua função ostensiva no domínio especializado da magia, provendo poderes a pessoas, famílias e mesmo cidades, bem como ingerência sobre os sistemas de controle e autoridade. Portanto, subtrair esses objetos de pessoas violentamente subjugadas seria uma atitude esperada por parte de seus sequestradores.

A pesquisa realizada por Brito (2015) na amostra de 211 contas provenientes do Cais do Valongo, por sua vez, mostra um padrão bem diferente para as contas de vidro, predominando as peças grandes (74%), azuis (28%), e com decoração exógena (28% complexas e 25% compostas). Este padrão indica que os cativos já residentes no Rio de Janeiro portavam contas maiores, mais complexas, com maior apelo estético, mais desejadas, e naturalmente mais caras, do que os recém-chegados na cidade. Corrobora-se aqui, portanto, a notória distinção social entre os cativos, estando os recém-chegados inseridos na mais baixa classe social. Este cenário se alinha com a ideia de Brito (2015), segundo a qual houve a formação de um mercado baseado no gosto e no sistema de crenças dos milhares de escravizados africanos (maioria entre os cativos no período e local pesquisados) e seus descendentes. Isso se deve ao fato de que muitos cativos eram especializados em determinados tipos de ofício e trabalhavam para os seus senhores no sistema de ganho, o que possibilitava o acúmulo de pecúlio. Em resumo, a pesquisa de Brito (2015) indica que entre os cativos que viviam no Rio de Janeiro havia a preferência por contas com maior visibilidade, as quais deixavam claras as suas escolhas e poder aquisitivo, bem como hierarquias e crenças.

A comparação entre os dados aqui obtidos e os de Brito (2015) chama a atenção quanto a dois outros aspectos. O primeiro deles é a grande variedade dos tipos de contas de vidro estabelecidos para o Cais do Valongo (90), em oposição a uma variedade bem menor de tipos estabelecidos para o CPN (37), à despeito do número bem semelhante de peças analisadas (211 e 223 respectivamente).

O outro aspecto a ser considerado é o fato de não terem sido encontradas no CPN contas confeccionadas em outro material, além do vidro, indicando mais uma vez a limitação dos pretos novos no que se refere à posse de bens pessoais. Segundo Connah (1981), estudos etnográficos e arqueológicos indicam que os africanos, de forma geral, utilizaram durante séculos contas de diversos materiais, como madeiras, sementes, conchas, corais, metais, pedras semipreciosas, presas, âmbar, ossos e dentes. Ainda que as contas de vidro tenham abastecido o mercado africano com centenas de milhares de peças a partir do século XVI, não há motivos para pensar que elas tenham substituído completamente os demais tipos de material, inclusive o coral e a ágata, bastante valorizados entre os africanos.

A pesquisa de Lima *et al.* (2014) confirma esta hipótese uma vez que entre as aproximadamente 2.000 contas encontradas na área do Cais do Valongo, uma parcela não desprezível foi confeccionada sobre concha, coral, âmbar, semente, cerâmica, mineral e madeira. Isso significa dizer que, mesmo após a migração forçada para o Brasil, as contas confeccionadas em materiais diferentes do vidro continuaram a ter importância social e mágico-religiosa entre cativos e libertos africanos e afrodescendentes.

Em resumo, a situação peculiar observada no contexto funerário do CPN (presença exclusiva de contas de vidro e ausência de outras materialidades; e predomínio absoluto de tipos comuns e pouco variados, com manufatura *drawn*, pequenas, simples e brancas) possivelmente tem relação com mais um aspecto da violência sofrida pelos africanos escravizados. Após a captura nos sertões, eles seriam destituídos de seus bens pessoais com maior valor (monetário, simbólico e espiritual), e, em virtude de toda a penúria sofrida durante a longa jornada até o Rio de Janeiro, acabariam por perder os objetos mais simples que estivessem inicialmente em sua posse.

Finalmente, cabe ressaltar que não se descarta totalmente a possibilidade de que os cativos tenham sido enterrados também com contas confeccionadas sobre materiais perecíveis, como sementes e madeira, comuns na África. Dificilmente essas peças teriam sido preservadas, dada a sua fragilidade e os severos processos pós-deposicionais que afetaram o sítio. No entanto, considerando-se que não foram encontrados quaisquer outros bens junto aos corpos dos cativos, inclusive confeccionados com materiais mais resistentes como metal, osso, cerâmica e pedra, coloca-se como hipótese mais plausível que as contas de vidro tenham sido de fato os únicos bens conservados com os africanos recém-chegados ao Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou, através das 223 contas de vidros encontradas no Cemitério dos Pretos Novos, compreender mais sobre a diáspora e sobre os cativos que foram ali enterrados de forma tão desrespeitosa. Foram definidos tipos através da categorização das contas, utilizando-se os critérios internacionalmente aceitos, e buscou-se entender as características pós-deposicionais destes artefatos.

O padrão tipológico das contas encontradas junto aos corpos dos africanos recém-chegados, possivelmente representativo da subtração de peças mais valiosas, dialoga diretamente com o cenário mais amplo de violência que caracterizava o cativo, estendendo-se aos bens pessoais dos escravizados e configurando-se como mais uma forma de domínio físico e psicológico.

Dada a sua condição enquanto única materialidade presente junto aos corpos dos cativos recém-chegados depositados no cemitério do Valongo, destaca-se a relevância das contas de vidro no âmbito geral dos estudos sobre a diáspora enquanto eloquentes indicadores arqueológicos no que se refere à identificação étnica e social. E ainda, ressalta-se aqui a grande resistência das contas de vidro, mesmo em um contexto tão adverso e sujeitas

a serem fortemente impactadas por diferentes agentes destrutivos, o que reforça a sua importância para os estudos sobre a diáspora africana.

É importante pontuar que as contas analisadas foram recuperadas em uma pequena área escavada, localizada na periferia do espaço funerário. Assim, embora configurem uma amostra quantitativamente relevante, alguns aspectos qualitativos podem apresentar variação em relação ao universo de contas presentes no CPN. Com a continuação das pesquisas será possível verificar a representatividade das peças aqui analisadas.

Finalmente, destaca-se o objetivo desta pesquisa de produzir dados que possam ser utilizados comparativamente em futuros estudos que também utilizem as contas de vidro como ferramenta para a compreensão de aspectos da diáspora africana para o Brasil.

AGRADECIMENTOS

Aos gestores e funcionários do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos pelo apoio logístico indispensável para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Agostini, C. (Ed.). (2013). *Objetos da escravidão: abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras.
- Almeida, M. C. P. F. (2017). “Clara como céu, escura como água do Luembe”: trajetórias, usos e significados das contas de vidro entre as populações da África Centro-Occidental (Lunda, 1884-1888). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 25(2), 55-82.
- Aultman, J., & Grillo, K. (2016). *DAACS Cataloging Manual: Bead*. Disponível em: <<http://www.daacs.org/wp-content/uploads/2016/07/beads.pdf>>. [cons. 14 mai. 2021]
- Blair, E., Pendleton, L., & Francis Jr., P. J. (2009). *The beads of St. Catherines Island*. New York: American Museum of Natural History.
- Brito, P. C. L. (2015). *De conta em conta: rotas atlânticas e comércio no Rio de Janeiro. O caso do cais do Valongo*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- Carvalho, H. A. D. (1890). *Ethnographia e história tradicional dos povos da Lunda*. Vol. 4. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Connah, G. (1981). *Three thousand years in Africa: Man and his environment in the Lake Chad region of Nigeria*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Decorse, C. R., Richard, F. G., & Thiaw, I. (2003). Toward a systematic bead description system: a view from the Lower Falemme, Senegal. *Journal of African Archaeology*, 1(1), 77-109.
- Dubin, L. S. (2006). *The history of beads: from 30,000 B.C. to the present*. London: Thames & Hudson.
- Funari, P. P. A. (2003). Conflict and the interpretation of Palmares, a Brazilian runaway polity. *Historical Archaeology*, 37, 81-92.
- Francis Jr, P. (1991). Beadmaking at Arikamedu and beyond. *World Archaeology*, 23(1), 28-43.
- Francis Jr., P. (2008). The Venetian bead story. *Beads: Journal of the Society of Bead Researchers*, 20, 62-80.
- Fricke, F., & Zahedi, P. (2020). The blue beads of St Eustatius: new perspectives from archaeology and oral history. *Beads: Journal of the Society of Bead Researchers*, 32, 41-56.

- Gomes, F. (2011). 'Atlantic Nations' and the Origins of Africans in Late-colonial Rio de Janeiro: New Evidence. *Colonial Latin American Review*, 20(2), 213-231.
- Guimarães, C. M., & Lanna, A. L. (1980). Arqueologia de quilombos em Minas Gerais. *Pesquisas, Antropologia*, 31, 147-164.
- Guimarães, C. M. (1990). O quilombo do Ambrósio: lenda, documentos e arqueologia. *Estudos Ibero-Americanos*, 16 (1-2), 161-174.
- Karasch, M. C. (2000). *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Karklins, K. (1974). Seventeenth Century Dutch Beads. *Historical Archaeology*, 8, 64-82.
- Karklins, K., & Jordan, D. (1990). An Early 19th-Century Account of Beadmaking in Murano and Venice. *The Bead Forum*, 17, 5-8.
- Karklins, K. (2012). Guide to the description and classification of glass beads found in the Americas. *Beads: Journal of the Society of Bead Researchers*, 24(1), 62-90.
- Kidd, K. E., & Kidd, M. A. (2012). A classification system for glass beads for the use of field archaeologists. *Beads: Journal of the Society of Bead Researchers*, 24(1), 39-61.
- Kimura, B., & Shenkere, D. (2009). Beads in Konso, southern Ethiopia. Em Ege, S., Aspen, H., Teferra, B., & Bekele, S. (Org.) *Proceedings of the 16th International Conference of Ethiopian Studies* (pp. 369-381). Trondheim: NTNU.
- Lessa, A. (2022). Bioarqueologia em contextos pós-contato: estado da arte e reflexões sobre os estudos com remanescentes humanos no Brasil. Em Symanski, C. P., & Souza, M. A. T. (Org.). *Arqueologia Histórica Brasileira* (pp. 237-272). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Lessa, A., Tavares, R. B., & Carvalho, C. R. (2018). Paisagem, morte e controle social: O Valongo e o Cemitério dos Pretos Novos no contexto escravocrata do Rio de Janeiro nos séculos XVIII e XIX. *Paisagens Híbridas*, 1(1), 130-159.
- Lima, T. A. (1993). Arqueologia Histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960-1991). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 1(1), 225-262.
- Lima, T. A., Souza, M. A. T., & Sene, G. M. (2014). Weaving the second skin: Protection Against evil among the Valongo slaves in nineteenth-century Rio de Janeiro. *Journal of African Diaspora Archaeology & Heritage*, 3(2), 103-136.
- Lima, T. A., Souza, M. A. T., & Sene, G. M. (2016). Em busca do Cais do Valongo: Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 24 (1), 299-391.
- Munsell Color (2012) *Munsell Bead Color Book*. Grand Rapids: Munsell Color.
- Ogundiran, A. (2002). Of small things remembered: beads, cowries, and cultural translations of the Atlantic experience in Yorubaland. *The International Journal of African Historical Studies*, 35(2-3), 427-457.
- Orser, C. E. (1994). Toward a global historical archaeology: An example from Brazil. *Historical Archaeology*, 28, 5-22.
- Pereira, J. C. M. (2007). *À Flor da Terra: o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond/Prefeitura do Rio de Janeiro.
- Probert, M. A. G., & Sijpesteijn, P. M. (2022). Introduction. Em Probert, M. A. G., & Sijpesteijn, P. M. (Org.) *Amulets and Talismans of the Middle East and North Africa in Context* (pp. 1-12). Leiden: Brill Publishers.
- Ross, L.A. (2003). Bohemian faceted-spheroidal mold-pressed glass bead attributes: hypothesized *terminus post quem* dates for the 19th century. *Beads: Journal of the Society of Beads researchers*, 15, 41-52.
- Santos, A., & Lessa, A. (2019). Injustiçados em vida, profanados na morte: resultados preliminares das análises das alterações térmicas nos remanescentes humanos do Cemitério dos Pretos Novos. In *Livro de Resumos do*

XX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Pelotas: Sociedade de Arqueologia Brasileira. Disponível em: <<https://www.xxcongresso.sabnet.org/anais/trabalhos/apresentacaooral?simposio=21>>.

- Souza, M. A. T. (2007). Uma outra escravidão: a paisagem social no engenho de São Joaquim, Goiás. *Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 1(1), 59-92.
- Sprague, R., & Bowers, A. W. (1985). Glass trade beads: A progress report. *Historical Archaeology*, 19(2), 87-105.
- Stine, L. F., Cabak, M. A., & Groover, M. D. (1996). Blue beads as African-American cultural symbols. *Historical Archaeology*, 30 (3), 49-75.
- Symanski, L. C. (2006). *Slaves and planters in Western Brazil: material culture, identity and power*. Tese (Doutorado). University of Florida, Gainesville.
- Symanski, L. C. P., & Souza, M. A. T. D. (2007). O registro arqueológico dos grupos escravos: questões de visibilidade e preservação. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 33, 215-243.
- Tavares, R. B., Carvalho, C. R., & Lessa, A. (2018). Arqueologia da Diáspora Africana, uma breve abordagem: principais autores, pesquisas e temas. *Latinidade – Revista do Núcleo de Estudos das Américas*, 10 (2), 11-46.
- Tavares, R. B., Carvalho, C. R., & Lessa, A. (2020). Da alfândega ao Valongo: A entrada dos cativos africanos no Rio de Janeiro no século dezenove sob uma nova perspectiva historiográfica. *Latin American Antiquity*, 31(2), 342-359.

